

# Uma intervenção lúdica sobre traços de oralidade em produções textuais de alunos do ensino fundamental II

**Aparecido Devanir Fernandes**

*Mestre pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS-PROFLETRAS), Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e em Tecnologias aplicadas à Educação pela Universidade de Cuiabá (UNIC). Graduado em Letras pela Universidade pelo Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (UNIDERP).*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.75.9

## RESUMO

Este estudo apresenta um plano de intervenção pedagógica que interferiu na incidência de marcas de oralidade em produções textuais do ensino fundamental II. O estudo é oriundo de uma dissertação realizada no Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, que constitui uma investigação científica sobre os traços de oralidade encontrados em produções textuais de estudantes de duas escolas públicas, matriculados no (a) 5ª série/6º ano e 6ª série/ 7º ano do município de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Essa análise pautou-se na fundamentação teórica da metodologia da pesquisa-ação de base empírica, ou seja, fomentada na descrição, observação, ação de situações reais e dentro de uma coletividade. Para ser implementada e atingir sua finalidade, a pesquisa é solidificada nos métodos quantitativos e qualitativos da Linguística e da Sociolinguística, por tratar-se de um fenômeno da variação linguística. A relevância do estudo justifica-se, devido ao fato de a problemática apresentada ocorrer em diversas salas de aula de escolas de ensino fundamental de todo Brasil. Quanto a sua finalidade, observou-se a necessidade de uma análise de possíveis variáveis que possam gerar os referidos traços de oralidade nas produções de textos, e que possa contribuir nas salas de aula de nosso país para intervenções pedagógicas, no sentido de reduzir as incidências dos referidos traços nas produções dos alunos pesquisados.

**Palavras-chave:** marcas de oralidade. pesquisa-ação. produções textuais.

## ABSTRACT

This study has as general objective to present a plan of pedagogical intervention, product, that interfered, substantially, in the incidence of orality marks in the textual productions of elementary education II. This study comes from a dissertation of the Professional Master's Degree in Letters (PROFLETRAS) from the State University of Mato Grosso do Sul - UEMS / Dourados. The present research is made up of a scientific investigation about the orality traits found in the textual productions of the students of 02 (two) public schools, enrolled in the 5th grade / 6th year and 6th grade / 7th year of the municipality of Campo Grande, capital of the state of Mato Grosso do Sul. This analysis was based on the theoretical basis of the Research- Action Methodology of empirical basis, that is, fostered in the description, observation, action of real situations and within a collectivity. To be implemented and achieve its purpose, it was solidified with scientists and quantitative and qualitative methods of Linguistics and Sociolinguistics, because it is a phenomenon of linguistic variation. The relevance of this study is justifiable, due to the fact that the problem presented, occurs in many different classrooms of elementary schools throughout Brazil. As to its purpose, it was observed the need for an analysis of possible variables that can generate the mentioned traits of orality in the productions of texts, and that can contribute in the classrooms of our country for pedagogical interventions that reduce the incidence of said traits in text productions.

**Keywords:** orality marks. action research;.textual productions.

## INTRODUÇÃO

Este estudo tem por objetivo apresentar uma intervenção na realidade de sala de aula a partir da metodologia da pesquisa-ação e do método variacionista dos estudos sociolinguísticos,

no sendo de reduzir a incidência de traços de oralidade nas produções textuais de alunos do ensino fundamental II. Esse estudo faz parte de uma pesquisa de mestrado mais ampla, que apresenta um trabalho desenvolvido no Mestrado Profissional em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. A dissertação é intitulada: “Marcas de oralidade em produções textuais de alunos do ensino fundamental: uma intervenção por meio do lúdico”, que se utilizando da pesquisa-ação e do método variacionista produziu uma padronização de critérios linguísticos para identificar, investigar e analisar a incidência de traços de oralidade em produções de texto de alunos de 6º e 7º anos do ensino fundamental II de duas escolas públicas da cidade de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, que participaram do estudo.

Os objetivos específicos do estudo pautam-se na necessidade de identificar e analisar as causas que geram os desvios ocasionados pelas marcas de oralidade nas referidas produções, uma vez que os resultados da análise contribuem na construção do plano de intervenção, foco desse estudo.

A relevância e finalidade dessa pesquisa apresentada neste estudo justifica-se de forma empírica, quando se observa que, no ambiente escolar, o ensino da norma padrão de regras ortográficas, quando explanadas na função de uma metalinguagem, não geram aprendizagem. Além disso, constatou-se que a relação entre língua falada e língua escrita potencializa um elevado índice de ocorrências de traços de oralidade nas produções textuais dos alunos do ensino fundamental II, participantes dessa pesquisa-ação. Contudo, a problemática apresentada aflorou a necessidade de construção e execução de uma intervenção didático-pedagógica específica que possa promover impactos qualitativos e quantitativos positivo no processo de produção, interpretação e análise em escolas do ensino fundamental.

## **Os subsídios da fundamentação teórica para análise dos traços de oralidade e formatação do plano de intervenção**

Como já foi dito anteriormente, a pesquisa pautou-se nas premissas da metodologia da pesquisa-ação: a investigação empírica, diagnóstico, levantamento de hipóteses e entrevista com membros da comunidade pesquisa. Sejam os a seguir como Thiollent (1988, p.14), conceitua a pesquisa-ação:

é um tipo de pesquisa social como base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

De acordo com o autor supracitado, a pesquisa-ação associa-se a formas de ação coletiva em prol de resolução de problemas para gerar transformação. Não se trata de um simples levantamento de dados, pois é necessária a participação de todos os envolvidos no processo, analisando a problemática levantada de forma dinâmica e tomando decisões no sentido de executar ações.

Quanto ao objetivo deste tipo de pesquisa, prioriza-se em fornecer aos pesquisadores e participantes, os meios de se tornarem capazes de buscar as soluções para os problemas reais, por meio de diretrizes de ação transformadora, aplicável a vários segmentos da sociedade como: educação, comunicação social, serviço social, organizações, tecnologia e práticas políticas e sindicais.

Além dessas amplitudes de atuação, a pesquisa-ação pode ser trabalhada simultaneamente com outros tipos de metodologia, trazendo uma visão mais aproximada do campo de estudo. Diante desse parâmetro, após a avaliação diagnóstica, identificou-se a incidência de traços de oralidades nas produções textuais das turmas participantes dessa pesquisa. Assim, observou-se a necessidade de utilização da pesquisa-ação em sincronia com os pressupostos linguísticos e variacionistas.

O presente estudo foi estruturado pelos pilares dos estudos linguísticos, obedecendo a uma diacronia que se inicia com os estudos do Curso de Linguística Geral, orientados pelo filósofo e linguística suíço Ferdinand de Saussure (2002) até o método variacionista proposto por William Labov (2008).

Esses estudos saussurianos da Universidade de Genebra resultaram na publicação póstuma pelos discípulos de Saussure da obra *Cours de linguistique générale* ou “Curso de Linguística Geral” em 1916. O legado saussuriano está na descoberta do objeto científico, a *Langue*. Para sustentar a tese sobre o referido objeto, Saussure (2002), construiu um cabedal alicerçado em postulados e dicotomias, do qual se isolava o que era pertinente para a ciência linguística. Nessa perspectiva, esse linguista ancorou-se na vertente estruturalista para explicar o fenômeno língua isoladamente, sem relacioná-la a fatores externos.

Ressalta-se, dentre as dicotomias saussurianas construídas no referido curso, a que colaborou na consolidação do objeto da Linguística, que inicialmente distingue e conceitua a *langue* e a *parole*:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra secundária tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer a fala, inclusive a fonação e é psicofísica (SAUSSURE, 2002, p. 27).

De acordo com a dicotomia apresentada, a *langue* é conceituada como homogênea e social. Do outro lado, encontra-se a *parole*, individual e heterogênea. Contudo, esta é uma manifestação concreta da *Langue*. Entretanto, o estudo saussuriano desconsiderou fatores históricos e sociais. Esses fatores foram explanados na dicotomia sincronia e diacronia, em que Saussure considera a relevância dos fatos históricos.

Diante da problemática investigada na pesquisa-ação, observou-se uma intervenção da fala (oralidade) por ser heterogênea e individual, que se inter-relaciona com a *langue*. Com o avanço dos estudos da Linguística, a *parole* mais tarde tornou-se o objeto de estudo da Sociolinguística. Logo, parte do corpus analisado nesse estudo relaciona-se ao contexto social de uso da língua em situações reais de comunicação.

Agregando-se ao corpus apresentado, Labov (2008), traça o objeto de estudo da Sociolinguística ao estabelecer uma relação entre língua e sociedade e por constituir um método de sistematização dos aspectos variáveis e heterogêneos da língua. O legado desse cientista destaca-se, primeiramente pelo o conceito de “Variantes Linguísticas”, ou seja, diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. E ao conjunto de variantes dá-se o nome de “variável linguística” (TARALLO, 2007, p. 8).

O método variacionista dos estudos sociolinguísticos, proposto por Labov (2008), é aplicado à análise da variável linguística quando o ocorre o “vernáculo”, ou seja, a fala durante o

discurso, espontânea e sem nenhum tipo de monitoramento.

Assim, o corpus apresentado e investigado nessa pesquisa assemelha-se ao “vernáculo” na oralidade. Cujos traços de oralidade ocorrem nas produções textuais escritas dos alunos. Assim sendo, ocorreu uma lacuna na referida pesquisa, que investigou a semelhança entre língua falada e língua escrita e o porquê das marcas de oralidade incidir nas referidas produções de textos.

## Atributos da língua falada

A língua falada é um dos diversos tipos de linguagem que primeiramente o homem interage e apropria-se. Ocorre desde a concepção da criança no ventre materno, por meio da interação verbal entre mãe, pai e filho através da língua. A primeira comunicação verbal do nascituro com a sociedade é protagonizada por formas sinestésicas: tato, olfato, audição, foco visual ainda em desenvolvimento e a oralidade, articulada pela língua falada e por fatores extralinguísticos como: entonação de voz, olhares, gestos, posturas e expressões faciais, dentre outras.

Da mesma maneira, os linguistas Marcuschi e Dionísio (2007, p.13), contextualizam a versatilidade e dinamismo da língua falada da seguinte forma:

Mas toda nossa atividade discursiva situa-se, grosso modo, no contexto da fala ou da escrita. Basta observar nossa vida diária desde que acordamos até o final do dia para constatar que falamos com nossos familiares, amigos ou desconhecidos, contamos histórias, piadas, telefonamos, comentamos notícias, fofocamos, cantamos e, eventualmente, organizamos listas de compras, escrevemos bilhetes e cartas, fazemos anotações, redigimos atas de reuniões de condomínio, preenchemos formulários e assim por diante.

Diante do exposto, podemos inferir que a língua falada é o modo de utilização da Langue mais executada cotidianamente e em todos os contextos da ação humana: conversa familiar, entre amigos ou profissional. Pode ocorrer também nas preces, pedindo uma informação, durante um telefonema, numa negociação de compra ou venda de uma mercadoria e produtos, cantando e nas declamações, assim como no processo de ensino e aprendizagem da língua materna na sala de aula ou fora dela.

No ambiente escolar, os Parâmetros Curriculares Nacionais, dialogam que “[...] o segundo elemento, o objeto de conhecimento, é a língua portuguesa, tal como se fala e se escreve fora da escola, a língua que se fala em instâncias públicas e a que existe nos textos escritos que circulam socialmente [...]” (BRASIL, 1997, p. 25).

Em contrapartida, os PCN apresentam a premissa de que o estudo da língua(gem) deve ser articulado entre a oralidade (fala), escrita, leitura e produção textual, uma vez que:

A linguagem verbal, atividade discursiva que é, tem como resultado textos orais ou escritos. Textos que são produzidos para serem compreendidos. Os processos de produção e compreensão, por sua vez, se desdobram respectivamente em atividades de fala e escrita, leitura e escuta. Quando se afirma, portanto, que a finalidade do ensino de Língua Portuguesa é a expansão das possibilidades do uso da linguagem, assume-se que as capacidades a serem desenvolvidas estão relacionadas às quatro habilidades linguísticas básicas: falar, escutar, ler e escrever (BRASIL, 1997, p. 35).

Assim sendo, o ensino da língua materna direcionado pelos eixos apresentados busca uma interação entre a língua falada e a língua escrita, agregando-se aos demais eixos e sobre a tessitura de gêneros textuais/discursivos busca-se a construção de uma competência comuni-

cativa.

## Atributos da língua escrita

Dentre os eixos de aprendizagem da língua materna, a escrita é a que apresenta a menor proficiência conforme os resultados das avaliações em larga escala. Uma das causas que provocam essa ineficácia é a ausência de reciprocidade entre os vieses da oralidade (língua falada) e leitura. Agrega-se, ainda, o fato de que a escrita é explanada de forma prescritiva no formato de uma metalinguagem pautada na variedade padrão da língua e aplicada apenas à frase e também ao paradigma de um país de poucos leitores, inclusive, a ausência de exemplos de leitores nos ambientes familiar e escolar.

Todavia, deve ser feita a ressalva que a gramática prescritiva tem a sua expertise na análise linguística, gerando habilidades e competências que corroboram de forma significativa para a interpretação de um texto, para a analogia e resolução de uma situação-problema e para o desenvolvimento de proficiências de escrita de tipologias e gêneros textuais.

De outra forma, é fato que por conta de sua espontaneidade e dinamismo, que a língua falada é a mais executada. Por conseguinte, a língua escrita é praticada na maioria das vezes no espaço escolar, com poucas horas-aula dedicada a sua essência devido ao já mencionado estudo prescritivo, desprezando-se as estruturas profundas ou aspectos semânticos. Consequentemente, a língua escrita recebe o pré(conceito) de “difícil” por estar relacionada diretamente à variedade linguística padrão, por sua arbitrariedade, pelo estereótipo de que Português é muito “complicado”.

Empregando-se a metodologia da pesquisa-ação, entrevista informal entre os alunos participantes da pesquisa e avaliações diagnósticas, investigou-se, durante a produção da escrita, que quando ocorre uma dúvida sobre a grafia de uma palavra que não pertence ao repertório linguístico aluno ou que ele a utilizou/utiliza apenas na oralidade, o autor (estudante) do texto utiliza-se de 3 (três) estratégias:

- Primeira: relaciona o som físico (fonético) com a imagem que será decodificada no formato de letras e palavras.
- Segunda: utiliza-se da sua Língua para verificar se alguma vez já leu ou escreveu determinada palavra.
- Terceira: utiliza-se da gramática normativa e de uma regra específica para o registro da palavra que se deseja decodificar.

A priori, observou-se maior incidência da primeira estratégia que já foi anteriormente justificada pela ineficácia da aprendizagem pautada numa metodologia de metalinguagem da gramática prescritiva e frástica.

De outra forma, analisando-se os atributos da língua escrita e a sua contribuição para o desenvolvimento da competência sociocomunicativa, Marcuschi e Dionísio (2007, p.34), esclarecem que:

Os usos da escrita são hoje muito diversificados, de acordo com os indivíduos e suas necessidades. Há pessoas que passam a vida inteira em zonas urbanas sem ter que apreender a escrita de modo mais consistente. Há outros que, em certo momento, devem

aprendê-la, pois seu uso se tornou imperativo, como, por exemplo, no caso de um indivíduo que resolve tirar uma carteira de motorista. Hoje, um porteiro de um prédio faz intenso uso da escrita ao deixar bilhetes, selecionar a correspondência dos moradores e muitas outras atividades, sem contar os prédios que já são comandados por monitores de computador, que exigem capacidade de digitação e conhecimentos de informática, mesmo que elementares.

Tomando como base a argumentação acima, ressalta-se que a língua escrita sofreu um empoderamento com um novo parâmetro que a vincula a um padrão de excelência ao status social de uma pessoa. Essa padronização ou conceito recebeu a denominação de Letramento. Esse conceito está inserido nos PCN de Língua Portuguesa de 1997/1998:

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas (BRASIL, 1998, p. 19).

Com esse paradigma, a questão da escrita passa a ser aferida no contexto da leitura de não apenas decodificar uma palavra, frase ou período, mas de organizar e selecionar informações, empregar elementos coesivos, escolha de repertório, seleção de elementos textuais, linguísticos e adequação de marcas textuais. Quanto à produção textual, o autor do mesmo deve produzir um tecido que tenha concisão, clareza e coerência, não mais um conjunto de frases soltas.

Para tanto, esse conjunto de ações implica na fusão harmônica dos 4 (quatro) eixos de ensino e de aprendizagem da língua materna em prol da formação das práticas sociocomunicativas eficazes.

## Relação entre língua falada e língua escrita

Nesta fase do estudo, é de grande relevância a análise das diferenças e semelhanças entre a língua falada e a língua escrita, pois estas podem contribuir para a investigação das possíveis causas da incidência das marcas de oralidade nas produções que compõem o corpus de nossa pesquisa.

Quanto às diferenças, apresenta-se a seguir um quadro de Marcuschi (1997).

**Quadro 1 – Lista de relações entre Língua Falada e Língua Escrita**

Na fala	Na escrita
- Há entoação e ritmo	- não tem entoação e ritmo
- pode-se usar gestos e expressões fisionômicas	- não se pode usar gestos e expressões fison.
- emissor e receptor estão sempre presentes	- emissor e receptor não estão presentes
- emprego de gírias, repetição de palavras	- baixo uso de gírias, evita-se repetir palavras
- interrupção de frases antes de acabá-las	- não se interrompe as frases

Fonte: MARCUSCHI (1997, p. 28)

Ratifica-se, também, o impacto da variação linguística, característica à qual todas as línguas faladas e vivas estão sujeitas. Lembrando que a variação se estabelece em função da mudança de uma região para outra, faixa etária, de um grupo social para outro, ou seja, é relativizada conforme a função sociocomunicativa que requer. Assim, pode-se afirmar que a língua

escrita, perante o contexto ou situação de prática social, pode também apresentar variação linguística que contribuem para a sua evolução no tempo e no espaço, conforme as circunstâncias de uso.

A priori, a língua escrita ocupa um caráter mais arbitrário quanto à forma, sobretudo quando se trata de uma língua escrita jurídica, técnica ou científica, em que se emprega a variante de prestígio ou norma padrão.

De outra forma, quanto à semelhança, há também características que são universais entre a língua falada e a língua escrita. Assim sendo, qualquer uma dessas formas de língua(gens) podem ser transpostas uma para a outra.

Sobre os dois vieses apresentados, Marcuschi; Dionísio (2007) norteiam o estudo da língua falada e língua escrita com a utilização de premissas cujo objetivo é desvincular estereótipos que colocam a oralidade diante do preconceito linguístico:

- 1) Todas as línguas desenvolvem-se em primeiro lugar na forma oral e são assim aprendidas por seus falantes. Só em segundo lugar desenvolve-se a escrita, mas a escrita não representa a fala nem é dela derivada de maneira direta.
- 2) Todas as línguas variam tanto na fala como na escrita, e não há língua uniforme ou imutável, daí ter-se que admitir regras variáveis em ambos os casos.
- 3) Nenhuma língua está em crise, e todas são igualmente regradas, não havendo quanto a isso distinção entre línguas ágrafas e línguas com escrita.
- 4) Nenhuma língua é mais primitiva que outra, e todas são complexas, pouco importando se são ágrafas ou não (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 8).

Agrega-se a essas premissas, o fato de que quando o estudante é inserido no ambiente escolar, independentemente de sua faixa etária, ele já desenvolveu a língua com a fala em diversas situações comunicativas e que a mesma é um pré-requisito para trabalhar a oralidade e o letramento na sala de aula.

Pela utilização dessas variações, pode-se perceber também o local de origem do falante por meio de suas formas características de falar e da utilização de variantes regionais e geográficas predominantes nas diferentes regiões brasileiras. Além disso, é notório que o domínio social está vinculado a fatores linguísticos e sociais que conspiram no emprego da variedade linguística mais adequada.

Partindo dessa perspectiva, a Sociolinguística analisa que a utilização de determinados traços e variantes estão vinculados a contextos sociais como a família, grupo de amigos, local de trabalho, classe social, regionalidade e faixa etária. Bortoni-Ricardo (2004, p. 23) define essa divisão de contextos como “domínios sociais”:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio [...].

Hodiernamente, os papéis sociais são definidos por cânones socioculturais, é algo intrínseco à nossa cultura e que de um modo “instintivo” determina as “personagens” de acordo com o contexto social.

Nesse mesmo contexto, as células sociais podem apresentar fatores internos (linguísticos) e externos (sociais) que se relacionam com o fenômeno da variação linguística. Essa estratificação pode gerar um enquadramento social por faixa etária, sexo, nível de escolaridade, profissão entre outros, Mollica e Braga (2010).

Por conseguinte, o método variacionista e a metodologia da pesquisa-ação, utilizam-se do fenômeno da estratificação social para que, de forma empírica, levantem dados que possam ter uma relação, direta ou indireta, sobre as marcas de oralidade ou determinadas variedades linguísticas. Posteriormente, buscou-se com a lapidação dos dados coletados, sobre um aporte pragmático, ou seja, a sua utilização a partir de uma metodologia que possa interferir no corpus dessa pesquisa.

## Investigação e análise das marcas de oralidade presentes nas produções textuais de alunos de ensino fundamental II

Pautando-se no corpus de pesquisa que sofreu a interferência da língua falada sobre a língua escrita, optou-se pelos subsídios fornecidos pelo método variacionista da Sociolinguística para investigação e análise dos referidos dados associados à metodologia da pesquisa-ação, uma vez que, diante da problemática identificada, a tecnologia encontrada para analisar esses dados foi a construção de um quadro, com itens extraídos da obra Bortoni-Ricardo (2004), para auxiliar a análise de traços de oralidade recorrentes nas produções textuais dos alunos participantes da pesquisa:

**Quadro 2 – Marcas de Oralidade**

Aférese	Quando a palavra na oralidade perde a sílaba inicial ou o “r” final nos infinitivos e nas formas do futuro do subjuntivo (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 56).
Assimilação	[...] “quando numa sequência de sons homo-orgânicos ou parecidos, um deles assimila o outro, que desaparece. [...] falando> falanu, comendo > comenu[...]. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 102).
Atributos de um falante	“sua idade, sexo, seu status econômico, nível de escolarização etc.”. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 49).
Concordância Nominal	“[...] comentamos que, nos sintagmas nominais, há uma tendência, no português brasileiro a não se fazer a concordância nominal.[...] fortes bataia”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 89).
Contínuos	a linguista optou por esta nomenclatura, julgando-a menos pejorativa, para delimitar 03 linhas imaginárias: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística.
Dialeto	“que tem origem na Grécia antiga, é geralmente usado para indicar uma variedade regional, isto é, própria de uma região”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 33).
Domínio Social	“é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 23).
Estilos não monitorados	que utilizam uma variedade de forma espontânea, vernáculo, sem preocupação pela escolha.
Eventos de Letramento	“eventos mediados pela língua escrita”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 26).
Eventos de Oralidade	não monitorados, espontâneos na fala..
Hipercorreção ou Ultracorreção	“o fenômeno que decorre de uma hipótese errada que o falante realiza num esforço para ajustar-se à norma padrão”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 28).
Marcação do sintagma nominal	“[terras paraguaia] que marca o plural somente uma vez”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.59).
Marcadores	na oralidade são os conectivos né? tá?, tá bom?, daí, aí.
Metátese	“Percisá – nessa palavra, vemos que o fonema /r/ alterou sua posição na interior da sílaba”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 57).

Monitoramento	“Essa forma intuitiva de administrar a variação”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 26).
Monotongação	“[...] não pronunciamos o ditongo /ou/. [...] falou > falô”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 95).
Saliência Fônica	os estudantes tendem a não flexionar os verbos na 3ª pessoa do plural: dá/dão, faz/fazem.
Travamento de Sílabas	“Nossa atenção nesses casos se volta para a segunda consoante, a que fecha a sílaba” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 84).
Vocalização da consoante	“MUIÉ – nesta variante, temos a aplicação de duas regras: a vocalização da consoante lateral palatal /lh/ e a perda do /r/ final (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 58).

Os traços de marcas oralidade descritos funcionaram como mecanismos de análise das produções textuais dos alunos. A priori, essas variantes são observadas na sala de aula com a finalidade de verificar se ocorrem na forma vernácula ou se há eventos em que são monitoradas. Assim, levantou-se a hipótese que se as ocorrências de alguns dos desvios descritos se apresentam repetitivamente, essas poderão interferir como traços de oralidade nas produções textuais dos nossos alunos.

As produções textuais que geraram o universo amostral para análise e todo o estudo que envolve a pesquisa sobre os parâmetros da metodologia da pesquisa-ação e a Sociolinguística são duas propostas de avaliação diagnóstica ocorridas no mês de fevereiro de 2017. Quanto à redação escolar, a primeira trata-se de uma narrativa de ficção, composta de uma charge do filme “O Náufrago (2001)”, que ficou conhecido na tevê aberta pela performance do ator Tom Hanks, e de uma sequência narrativa que gera o enredo de uma naufrágio no mar:

**Figura 1- Produção Textual Diagnóstica I**

PRODUÇÃO TEXTUAL - 7º ANO \_\_\_\_\_



Após a leitura das charges acima, observe a sequência abaixo:

**NAVIO-TEMPESTADE-NAUFRÁGIO-ILHA DESERTA-PÂNICO-TESOURO**

**ORIENTAÇÕES:**

- Produza uma narrativa de ficção relacionando as temáticas das charges com a sequência;
- Não se esqueça dos elementos da narrativa: personagem, narrador, enredo, climax e desfecho
- Dê um título bem sugestivo
- No mínimo 15 linhas

- Faça rascunho
- Revise seu texto e reescreva-o na folha de redação.
- Utilizar caneta azul ou preta
- É obrigatória a entrega do rascunho juntamente com a folha de redação.

**Fonte: Dados da pesquisa**

Justifica-se a escolha dessa tipologia, devido ao fato de abarcar os gêneros textuais mais utilizados no ensino fundamental I. Somando-se a esse fator, essa modalidade de redação estava inserida no plano de aula, pois também tinha como objetivo analisar o emprego das marcas textuais e linguísticas nos textos dos alunos.

A avaliação diagnóstica II é referente a uma Parábola. Optou-se por uma segunda avaliação diagnóstica, devido ao fato de que, boa parte dos alunos, demonstrou desconhecimento dos elementos da narrativa. Nessa atividade de redação, foi apresentada a proposta para os estu-

dantes produzirem o desfecho da narrativa. Sendo assim, após a explanação dos elementos da narrativa e das marcas textuais do gênero textual “Parábola”, o professor-pesquisador realizou a leitura do texto para cada turma até o clímax. Logo, em seguida, cada aluno deveria produzir o seu próprio desfecho.

A seguir, será apresentado um recorte da tabulação de dados das produções textuais dos estudantes analisadas nessa pesquisa. O universo amostral é representado por doze textos produzidos pelos alunos colaboradores desse estudo, cujo objetivo é de um recorte aproximado de 20% sobre corpus desta pesquisa. O referido recorte justifica-se pela intenção de evitar redundância na identificação de traços que apresentem marcas de oralidade. Nesse artigo, devido ao limite de linha desse gênero textual, será apresentado, a seguir duas produções textuais e, na sequência, as transcrições e análises dos traços de oralidade identificados:

### **Transcrição da produção textual – Parábola – Escola 01 – Estudante A**

“ Ele pulo e ceu pai a paresel e falo você develia viver mais você morreu. Eu tivejo lá no ceu mais a foca trarvo e ele não moreio ele oviu no ceu pais e manãe que tá lá no ceu ele é lido...”

- Monotongação: pulou > pulo, falou > falo, travou > travo, ouviu > oviu, mudou > mudo., travou>trarvo.
- Troca de grafemas por assimilação: “s” por “c”: seu > ceu.
- Troca de grafemas por assimilação “c” por “s”: apareceu > aparesel.
- Assimilação da letra “u” por “l”: apareceu > aparesel.
- Apagamento da consoante “r” vibrante múltipla: morreu > moreu, foca > foca.
- Troca da consoante “r” por “l” devido ao modo de articulação: deveria > develia.
- Troca da consoante “b” por “f” devido ao modo de articulação: barco > faco
- Hipercorreção: te vejo > tivejo, travou>trarvo
- Saliência fônica: seus > ceu, estavam > tá.
- Aférese: está > tá.
- Supressão da consoante “n” no dígrafo vocálico: linda > lida.

**Fonte: Dados da pesquisa**

Nessa produção de texto, analisou-se uma defasagem de aprendizagem, quanto à paragrafação e segmentação de frases e períodos, associada ao desconhecimento da variedade padrão da língua portuguesa. Não obstante, o estudante utiliza-se da língua falada e da hipercorreção para decodificar a sua língua escrita, como podemos verificar no seu texto escrito.

### **Transcrição da produção textual – Parábola – Escola 01 – Estudante B**

“Ai ele pulou mas a forca tava tão velha que quando ele pulou comprindo com o seo dever ai a forca quebrou ai ele falou como que eu vol comprir com o meu dever do meu pai eu acho que ele me deo outra chance da comeguir ficar ricode novo

Ai ele comechol a ganhar dinheiro de novo as coisa comesaran a melhorar e ai vida dele ficol maravilhosa de novo ai ele falou agora eu vol conprer a sregas do meu pai...”

Nesta produção textual, observou-se o emprego de marcas de oralidade na sua construção:

- Marcadores conversacionais: aí.
- Aférese: estava > tava.
- Assimilação “u” por “o”: cumprindo > compringo, cumprir > compring, seu > seo, me deu > medeo.
- Assimilação “u” por “l”: vou > vol, começou > comechol , ficou > ficol.
- Assimilação “ç” por “s”: começaram > comesaran.
- Hipercorreção: seu > seo, me deu > medeo, começou > comechol .
- Troca de consoante “ç” por “ch”: começou > comechol.
- Monotongação: dinheiro > dinhero.
- Troca de consoante “m” por “n” no dígrafo vocálico: começaram > comesaran.
- Apagamento de consoante de travamento: regra > rega.

**Fonte: Dados da pesquisa**

Na atividade de produção textual analisada do aluno, identificou-se a ausência das marcas textuais, elementos da narrativa, paragrafação, segmentação de períodos, além da inobservância à norma padrão da língua quanto ao emprego dos sinais de pontuação, regras ortográficas e de acentuação.

Quanto às marcas de oralidade, o objeto de estudo desta pesquisa, ocorreram traços que identificaram o emprego em demasia da língua falada sobre a língua escrita. O desconhecimento da variedade linguística ou seu insuficiente domínio corroboraram para o monitoramento da escrita, recorrendo a fenômenos de hipercorreção.

## **O PRODUTO FINAL QUE CONSISTE EM UMA INTERVENÇÃO NA REALIDADE DE SALA DE AULA**

Pautando-se nos resultados oriundos da pesquisa em consonância com o método variacionista e a metodologia da pesquisa-ação, construiu-se um “produto final” com a hipótese de diminuir a incidência das marcas de oralidade nas produções textuais.

A priori, o Produto é um dos pilares que sustentam a metodologia utilizada, em que se busca uma metodologia que produzisse uma aprendizagem significativa e que suprisse os vácuos deixados pela metalinguagem, optou-se pelos vieses da ludicidade e do imagético. Essa intervenção pedagógica tem por objetivo a assimilação de palavras e conversão de regras ortográficas e de acentuação gráfica no formato de imagens e de artifícios da ludicidade.

Assim, gerou-se um “produto” organizado em jogos e atividades lúdicas, adaptação/transposição de jogos e atividades lúdicas conhecidas pela comunidade participante da pesqui-

sa, os quais foram confeccionados no formato de protótipos, testados e ajustados em uma turma de 8º ano do ensino fundamental II e aplicado às demais turmas.

Nesse ínterim, depois da aferição dos protótipos, foram selecionados jogos e atividades lúdicas para aplicação nas turmas participantes da pesquisa-ação. Vejamos:

- 1- Jogo dos Sete Erros;
- 2- Dominó: Marcas de Oralidade;
- 3- Jogo da Força;
- 4- Atividade Lúdica: Uso do Mas, Más e Mais;
- 5- Atividade Lúdica: Soletrando: Marcas de Oralidade;
- 6- Jogo da Memória; e
- 7- Atividade Lúdica: Quiz: Acentuação Gráfica.

Os jogos e atividades lúdicas apresentaram a seguinte tessitura quanto à formatação dos textos injuntivos:

### **I. Jogo dos Sete Erros**

#### **Material necessário:**

- 10 folhas de papel A4 impressas.

#### **Como jogar:**

- Divisão da sala em 05 grupos, Cada grupo receberá 02(duas) fotocópias.
- Cada folha terá uma Crônica com 07 (sete) desvios de marcas de oralidade, propositalmente, ocorridos na língua escrita. Ganha o jogo, o grupo que descobrir os referidos desvios primeiramente.

### **II. Dominó: Marcas de Oralidade**

#### **Material necessário:**

- 50 folhas de papel A4.

#### **Como jogar:**

- Divisão da sala em 05 (cinco) grupos.
- Cada grupo receberá um pote com as pedras de papel do dominó. Entretanto, cada pedra terá uma palavra incompleta. O grupo deverá localizar, de acordo com a norma padrão, a pedra ausente com a letra “S” ou “Z”, “C” ou “Ç”, “X” ou “CH”, “U” ou “L”, desinência de futuro (ÃO), desinências presente (AM) ou pretérito (AM) de um verbo, ambas na 3ª pessoa do plural, além do emprego dos dígrafos “RR” e “SS”.
- Ganha o jogo, o grupo que após chamar o professor para verificar as respostas encontradas, acertar todas as pedras utilizadas.

**Ressalva:** a dinâmica desse jogo é a mesma do jogo de dominó comum.

### **III. Jogo da Forca**

#### **Material necessário:**

- Papel A4
- Cola
- Tesoura
- Impressão de 40 (quarenta) palavras, enumeradas de 01 a 40, que empreguem as regras ortográficas de uso do “S” e do “Z”, do “G” e “J”, do “CH” e do “X”. A fonte fica a critério do professor, porém o tamanho deverá ser acima de 20.
- Produção de uma relação de dicas e verbete para cada palavra sorteada conforme a sua enumeração.
- Confeção de uma caixa para sorteio do número da palavra.
- Confeção de uma caixa para o sorteio do grupo.

#### **Como jogar:**

- O professor ou mediador, dividirá a sala em 05 grupos. Cada grupo apresentará uma relação com o nome dos seus componentes
- O professor fará o sorteio do grupo na 1ª caixa. Em seguida, na 2ª caixa fará o sorteio do número da palavra.
- O professor fará a leitura da primeira (dica) informação sobre a palavra sorteada.
- Primeiramente, o grupo sorteado soletrará a primeira letra. Caso não acerte, será eliminado um componente do grupo, passando a vez para o próximo grupo. Entretanto, acerto ou erro cada grupo terá direito a soletrar uma letra por vez.
- A partir da 3ª letra, os grupos poderão falar qual é a palavra sorteada.

#### **Observações:**

Neste jogo, serão trabalhadas as regras de uso do “S” e do “Z”, do “G” e “J”, do “CH” e do “X”. Foi diagnóstica, nesta pesquisa-ação, que essas letras são trocadas pela assimilação do som durante os eventos da escrita.

### **IV. Atividade Lúdica: Uso do Mas, Más e Mais:**

#### **Material necessário:**

- 05 imagens de super-heróis
- 05 textos com biografia de Super-Heróis

#### **Modo de Jogar:**

- O professor ou mediador dividirá a sala em 05 grupos.

- Cada grupo deverá relacionar os seus componentes.
- O professor apresentará o primeiro texto com as lacunas que faltam inserir o Mas, Más ou Mais. Em seguida, fará o sorteio de cada grupo. Cada grupo deverá empregar a regra. Cada resposta que o grupo acertar, o professor ou mediador apresentará um atributo sobre o super-herói.
- Ganhará o jogo, o grupo que após acertar o emprego da referida regra, descobrir quem é o super-herói da biografia.

### **V. Soletrando: Marcas de Oralidade**

Neste jogo, será trabalhado a substituição por assimilação da vogal U final pela consoante L, a troca das letras S, SS, C, Ç, SC, Z, a supressão do R final na palavra, além, da monotongação, hipercorreção, aférese, saliência fônica, travamento de sílaba e Regras Ortográficas e de Acentuação Gráfica.

#### **Material necessário:**

- Papel A4
- Tesoura
- 01 (uma) campainha
- 02 (dois) potes vazios de sorvete. Cada pote terá a identificação: Banco dos Estudantes e Banco de Palavras
- Relação enumerada de um Banco de Palavras com os principais desvios de marcas de oralidade ocorridos nas produções textuais. Nesse momento, as palavras estarão grafadas sem os referidos desvios.
- Cópia do Banco de Palavras com cada palavra recortada.

#### **Modo de jogar:**

- Divisão da turma em 05 (cinco) grupos.
- Relacionar os componentes de cada grupo.
- Recortar, inserir e colocar o nome de cada aluno no Banco de Estudantes.
- O professor fará a explanação da metodologia do jogo:
  - Sorteio da palavra
  - Leitura da palavra para a turma
  - Sorteio do estudante
  - O estudante falará a palavra. Poderá pedir auxílio: definição, classe gramatical ou aplicação numa frase. Em seguida, iniciará a soletração.
  - Não poderá retomar fonemas.
  - Deverá pronunciar os acentos prosódicos: agudo, circunflexo e til.

- Deverá pronunciar espaço como no exemplo: D –E (espaço) R-E-P-E-N-T-E.
- Deverá pronunciar o hífen quando a palavra exigir.
- O game será dividido em preliminares com 05 (cinco) palavras. Uma para cada grupo.
- Ao final da preliminar, caso não haja nenhum estudante com quantidade maior de acertos que o outro, será realizada uma preliminar somente com os alunos que acertaram nesta primeira. O critério para essa preliminar de desempate é “Morte Súbita”, de acordo com a cronologia de quem acertou primeiro. O professor fará o sorteio de uma outra palavra. Responderá o primeiro classificado da preliminar já realizada. Caso não acerte, passa-se para o aluno seguinte. O aluno que acertar primeiro é o campeão da fase inicial do jogo.
- Se o professor tocar a campainha, significará que o aluno errou.
- O jogo deve ter entre 03 (três) ou 05 (cinco) preliminares por semana. Após 04 (quatro) semanas, deverá ser realizada uma preliminar finalista somente com os estudantes que ganharam nas etapas realizadas na sala de aula.

#### **Ressalva:**

É de suma importância que, durante o acerto ou erro de cada palavra, o professor mediador utilize-se de uma metalinguagem para justificar a grafia da referida palavra.

#### **VI. Jogo da Memória**

Este jogo tem por objetivo aproveitar a sua ludicidade através de imagens de palavras reincidentes em marcas de oralidade durante a produção de textos na escrita.

#### **Material necessário:**

- Lista de palavras diagnosticadas com marcas de oralidade durante a produção de textos.
- 02 (duas) folhas de cartolina ou 08 (oito) folhas de papel cartão.
- Cola
- Tesoura
- Impressão colorida
- 01 (um) dado

#### **Como confeccionar o jogo:**

- Digite as palavras da lista em pares. Sendo que cada dupla de palavras deve apresentar a grafia com marcas de oralidade e a outra de acordo com a norma padrão. Quanto à formatação, sugere-se fonte “Comic Sans” tamanho 20. Dando sequência, de forma aleatória mescle palavras com marcas de oralidade e em concordância com a norma culta, cada uma numa caixa de texto no formato de uma carta de baralho, dimensionada com 8,9 cm X 5,7cm. Nessa face da carta, o fundo será vermelho. Em seguida, utilize

o mesmo layout para digitar no fundo de cada par com palavras idênticas, somente no formato da variedade padrão. Entretanto, o fundo será azul.

- Faça a impressão colorida de toda coleção produzida, recorte-a e cole cada par de palavras (marcas de oralidade X variedade padrão) na cartolina ou papel cartão. Logo em seguida, recorte cada carta do baralho.

### **Como jogar:**

- Divida a turma de alunos em grupos com no máximo 05 alunos.

- Entregue para cada grupo o Box do jogo.

- Peça-lhes que coloquem todas as cartas que tem a face azul para cima e que leiam as palavras contidas nelas. Explique que essas palavras estão de acordo com as regras ortográficas vigentes e que no verso, fundo vermelho, encontra-se a mesma palavra grafada com marcas de oralidade ou de acordo com a norma culta.

É importante informar que essas palavras são oriundas dos desvios ocorridos nos textos produzidos na sala de aula.

- Oriente-os para observarem a grafia das palavras constantes na face azul por alguns instantes, em torno de 03 minutos.

- Após esse intervalo, oriente-os a virar todas as cartas e deixá-las com o fundo vermelho e peça-lhes para embaralhá-las ou misturar.

- Em seguida, cada aluno vai jogar a pedra do dado. O que obter a face com o maior número de pontos joga primeiro e o restante, após esse jogador, no sentido horário.

- O primeiro jogador escolhe uma das cartas que está com face vermelha voltada para cima. O estudante deve responder “Escrita” ou “Oralidade”. Depois, o aluno vira a carta. Na face azul estará a palavra grafada na variedade padrão. Os participantes confirmando se o aluno acertou que na face vermelha estava “Escrita” ou “Oralidade”, o mesmo recolhe a carta somando ponto para si. Caso não acerte, a carta permanece no jogo com a face azul voltada para cima. Entretanto, nenhum aluno poderá utilizá-la. Ganha o jogo, o aluno que, após todas cartas do baralho forem manuseadas com a face azul, obter maior número de cartas.

## **VII. Quiz: acentuação gráfica**

### **Material Necessário:**

- 02 (dois) potes de sorvete vazios com as identificações Banco de Palavras e Banco de Estudantes.

- 01 (uma) campainha de metal.

- Impressão da tabela de Acentuação Gráfica para cada estudante da turma (em anexo).

- Produção de um Banco de Palavras com acentos prosódicos enumerados. Preferencialmente, as palavras que os alunos apresentaram desvios de acentuação gráfica durante as produções textuais.

- Cópia do Banco de Palavras. Cada palavra deve ser recortada e colocada no pote “Banco de Palavras” para o sorteio.
- Relação de alunos participantes.
- Banco Micos

### **Como jogar:**

Dividir a sala em grupos com 05 alunos. Cada grupo deverá eleger 01 (um) capitão.

O capitão relacionará cada membro de seu grupo para o Banco de Estudantes.

Cada grupo entregará recortes de 03 (três) provas Mico. Estas provas não poderão atentar contra a integridade física, moral e psicológica dos participantes.

O professor (mediador) fará uma explanação sobre o emprego da Tabela de Acentuação Gráfica.

O professor (mediador) explicará a metodologia do jogo. Em seguida, sorteará a primeira palavra. Na sequência, sorteio do nome do aluno. O aluno deverá explicar a regra de acentuação aplicada ou passar a palavra para um dos grupos. Caso passe a palavra, o grupo que recebeu a palavra poderá respondê-la ou repassar de volta ao grupo que foi sorteado. Acertando a regra, o estudante e o seu grupo pontuam.

Se o professor tocar a campainha, significará que o aluno errou.

Caso contrário, para não perder pontos, o grupo poderá optar pela Prova do Mico. Completando uma dessas provas com eficácia, o grupo não perderá seu(s) ponto(s).

### **Ressalvas:**

- É importante que o professor (mediador), faça a explanação da Regra de Acentuação utilizada em cada palavra sorteada.
- Os alunos poderão consultar a Tabela de Acentuação Gráfica com o intuito de assimilarem a regra por repetição, imagem ou internalização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No presente artigo realiza-se um estudo cujo objetivo é analisar as causas da incidência dos traços de oralidade nas produções textuais de estudantes do ensino fundamental II, especificamente turmas do 5ª série/6º ano e 6ª série/7º ano e, em contrapartida, gerar e executar um plano de intervenção que atenua a presença desses desvios nos textos produzidos pelos alunos participantes da pesquisa.

Assim, vale ressaltar que desde a aplicação da avaliação diagnóstica no primeiro mês de aula até análise dos dados, os resultados que estão sendo compilados sinalizaram que é possível uma intervenção pedagógica alicerçada em pressupostos teóricos que possam contribuir para a redução de incidência de traços de oralidade em produções textuais dos estudantes envolvidos na pesquisa. Do outro lado, observou-se uma sincronia entre a metodologia da pesquisa-ação e

o método variacionista da Sociolinguística.

Ressalta-se o impacto positivo da formatação de um quadro com tipos de marcas oralidade, retirados de Bortoni-Ricardo (2004), que transformou essa pesquisa em uma tecnologia para identificação de possíveis causas de marcas de oralidade no corpus e também como paradigma para a construção do produto final do estudo.

Quanto à aplicação dos jogos e atividades lúdicas, foi observado, durante a execução, o monitoramento normativo entre os próprios estudantes, pois o referido produto potencializou um ambiente de brincadeiras e, ao mesmo tempo, competitivo.

Destaca-se também na pesquisa, que o repertório lexical utilizado foi retirado dos desvios das marcas de oralidade identificadas nas produções textuais do corpus, em que se buscou agregar jogos e atividades lúdicas aos eixos da oralidade, escrita, leitura e produção textual.

Com relação ao quesito preconceito linguístico, durante todo o percurso, monitorou-se a metodológica de forma a não (re)produzir o preconceito linguístico durante a aplicação das ações interventivas. Os resultados alcançados demonstraram a quebra do paradigma de que “português é difícil”. Diante dos fatos apresentados, acredita-se que a ludicidade e o imagético podem aliar-se à metalinguagem nas aulas de língua, focando a identidade do aluno e exercícios de escrita.

## REFERÊNCIAS

BORTONI-RICARDO, S. M. de F. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 1ª a 4ª séries: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais – 5ª a 8ª séries: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. Publicado em 1968).

MARCUSCHI, L. A.; DIONÍSIO, A. P. Fala e escrita. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2007.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. Introdução à Sociolinguística - tratamento da variação: São Paulo: Contexto, 2010.

SAUSSURE, F. de. Curso de Linguística Geral. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007. THIOLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 4ª ed. São Paulo, 1988.